ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU

A raiz, o tronco e a árvore. A ordem de precedência é indiferente quando o céu é o fundo que envolve, enquadra, e define o lugar das coisas e do sonho. Imaginar o druida celta no Minho mais verde, com o farol da Roca ao longe, ao lado de palanques, papagaios da China e borboletas de bico, que escoltam uma caravela negra ponteada a ouro que cai, escasso e disperso no dorso de uma gaivota ébria talvez, da luz que sai de uma janela aberta a um canto do espaço, onde estão as barracas antigas da praia, cheias de cor...

Em tudo isso encontramos a árvore, a raiz e o tronco, inconfundivelmente

confundíveis naquilo que o olhar alcança; mas nunca menos premeditado, estudado e reflectido na intencionalidade de quem é capaz de pintar assim. Perdoe-me a crítica de arte, mas ignoro se esta nitidez perceptiva que como um cometa atravessa todo o calendário da história sistematizada da pintura, e ao mesmo tempo, de uma forma libertadoramente culta, oferece o primado à memória viva, assumida, seria possível apenas pelo exercício da pintura pela escola e pelo tempo, independentemente da vida e da sabedoria. Parece-me bem que Guilherme Parente não se preocupa muito com isso. Não é essa a sua interrogação. Nem foi por aí que a sua técnica táctil e luminosa se foi depurando dos constrangimentos das políticas do gosto e do mercado. Pelo contrário, o que sentimos é a serenidade do "métier", da relação e do prazer de pintar, da delicadeza do pincel e da paleta, e não menos

ainda do equilíbrio quase mágico da arrumação da cor no seu inesgotável políptico de paisagens. Tomás de Aquino escreveu um dia "Deus deleita-se com todas as coisas, porque a cada uma delas concede a sua essência". Viviam-se então tempos de escuridão e fanatismo, e lutava-se para que a inteligência abrisse o caminho para a liberdade de olhar as coisas antes de as julgar. Era necessário estimular e legitimar a experiência e a razão, subtraindo-as dos limites estritos e estreitos de um cristianismo fechado, pouco consentâneo com a vida das cidades que começavam a erguer as suas catedrais. Portugal foi de certo modo filho desta mudança, e deu-lhe voz nas caravelas que abraçaram o mundo e fizeram falar português por toda a parte. O limite desse império é o limite do mundo, e esse sentido poético do destino salta a todo o momento da pintura de Guilherme Parente, sem que essa condição seja impeditiva de outras viagens. O limite da sua liberdade é o mundo, a aprendizagem e a vida; cada vez mais tronco, árvore e raiz. Estávamos em Lisboa,1994, e Guilherme Parente aparece um dia no "posto de comando" do projecto "A Sétima Colina" propondo voltar o seu atelier para a rua. A fachada do edifício, que dá para o topo do elevador da Bica, encheu-se de pintura nos vãos das janelas, e para muita gente, durante semanas, dia e noite, pelo menos tornou-se muito mais agradável esperar pelo elevador. Ao Guilherme Parente quero expressar a minha gratidão pelo convite amigo que me fez para participar nesta iniciativa. Sendo matéria que me causa muito embaraço, porque dela não oficio, o testemunho só o é, porque para lá da amizade existe uma grande admiração pela sua pintura e pela sua arte. Faz-nos falta.

Elísio Summavielle

Lisboa, Junho de 1997.